

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Instituto de Ciências Humanas - ICH

Departamento de História

Breno Henrique da Silva Ricardo

PENSANDO NOVOS RUMOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Relatório de estágio apresentado à
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, como
exigência para a conclusão do curso de Licenciatura em
História.

Juiz de Fora

2017

RESUMO: Este trabalho contém as observações e experiências no estágio supervisionado feito no Colégio de Aplicação João XXIII, durante o ano de 2016. Esse estágio obrigatório era complementado com aulas teóricas presenciais, ministradas pelo Prof. Dr. Anderson Ferrari, na Faculdade de Educação da UFJF. Por questões éticas, os professores que me supervisionaram no referido Colégio de Aplicação, serão citados como incógnitas: X e Y.

PALAVRAS-CHAVE: Didática, Estágio, Ensino de História, Colégio de Aplicação João XXIII

INTRODUÇÃO: Muito se fala sobre a crise da História e de seus métodos, no entanto, essa disciplina ainda consta como obrigatória nos currículos do Ensino Básico brasileiro.

Durante as aulas teóricas e o estágio supervisionado, refleti sobre como tornar essa disciplina, tida tradicionalmente como estudo do passado, algo próximo da realidade contemporânea, que pudesse se conectar com as diversas vivências dos jovens alunos de nossa época.

Coincidentemente, ao final dessa experiência, ocorreram as ocupações de diversas escolas do ensino básico, inclusive, do C. A. João XIII. Os adolescentes que organizaram esse movimento, foram além da denúncia de um sistema de educação antiquado e precário, afinal, eles abriram os nossos olhos para novas possibilidades mostrando-nos, inclusive, o quão praticáveis elas são.

1. O COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII

No primeiro semestre, o Prof. Anderson Ferrari nos acompanhou até o C. A. João XXIII e nos apresentou a sua estrutura. Deste ponto de vista, a primeira impressão é de um colégio ideal, bastante diferente da maioria das escolas públicas. Ele possui salas de aula iluminadas e bem equipadas; pátios abertos para o intervalo; quadras cobertas,

anfiteatros, infocentro, biblioteca, sala de arte, espaço para aula de circo, etc. É dividido em dois prédios, um para o ensino fundamental, outro para o ensino médio.

Do ponto de vista da organização, ele procura mesclar a liberdade própria da vida universitária com algumas regras comuns a escolas públicas de ensino básico.

O Prof. Anderson nos apresentou também o corpo docente de História e cada aluno pôde escolher um professor que o supervisionasse no estágio. Escolhi o professor X, e o acompanhei em suas aulas no 7º e 8º ano.

2. O PRIMEIRO SEMESTRE

No primeiro semestre, escolhi o prof. X como supervisor. Uma vez por semana assistia às suas aulas ministradas para turmas do Ensino Fundamental. Observava a dinâmica da sala de aula como um todo, do espaço físico às pessoas e como o referido professor se portava e de que métodos utilizava para levar o conhecimento aos alunos.

Todas as salas de aula eram bem equipadas. Continham armários, datashow, quadro negro, giz, acesso à internet, etc. Parece óbvio citar essas coisas, no entanto, a maioria das escolas públicas do Brasil não possuem um ambiente tão favorável ao ensino e ao aprendizado quanto o Colégio João XXIII.

Dentre as atividades desenvolvidas, se destacaram: um questionário verdadeiro/falso, a introdução a uma aula, e as avaliações. Aquele questionário, feito pelo prof. X, foi respondido pelos alunos em grupo, num propício espaço aberto. A turma, do 8º ano, em aulas tradicionais, se mostrava bastante agitada e aparentava indisciplina. A mudança de espaço demonstrou o contrário. Cada um dos estagiários presentes naquele dia, monitorou um grupo. O que observei no grupo que monitorei foi uma alta capacidade intelectual. Os alunos falavam muito e falavam alto, mas faziam perguntas e comentários bastante plausíveis e interessantes. O sistema mostrava-se ineficaz em saciar suas curiosidades e lhes instigar mais. Terminavam rápido as atividades e, com tempo de sobra, passavam a conversar, quando em sala de aula.

Selecionei o tema "Idade das Trevas" para uma breve introdução, de 10min, à aula. Utilizei quadro e giz como instrumento didático e obtive sucesso, visto que consegui manter a turma atenta e em silêncio, senão no momento aberto para perguntas, que geraram debate.

A compreensão geral da turma foi satisfatória e percebeu-se um bom nível de senso crítico, tendo sido citados pelos alunos diversas justificativas que desconstróem o conceito de "Idade das Trevas" e mostram que as diversas sociedades daquela época, e não só os europeus, também produziram conhecimento.

Sobre as avaliações, destaco um dia em que colaborei na aplicação e outro, em que colaborei na correção. No primeiro caso, consegui novamente desenvolver um bom domínio de turma, no mesmo 7º ano B onde introduzi uma aula. Os alunos se mostraram respeitosos, apesar de tentarem burlar o sistema, colando.

As avaliações feitas pelo prof. X, assim como as suas aulas, não eram bem organizadas. Não entrarei no mérito dos motivos pelos quais isso ocorria, pois não passam de conjecturas. No entanto, observei certo embaraço dele ao lecionar. Um exemplo disso era que o conteúdo avançava muito lentamente. O conteúdo certamente não é o centro do ensino, no entanto, o que se perde em conteúdo, deve ser recompensado no desenvolvimento de habilidades básicas de escrita, leitura, interpretação e crítica, por exemplo, o que também ocorria de forma precária. Isso se revelou também nas avaliações. Perguntas às vezes obscuras, às vezes desconectadas do conteúdo apresentado. Respostas complexas demais ou simples demais, por vezes ambíguas, o que dificultou a mim e aos meus colegas, por exemplo, uma correção mais justa e exata.

3. O SEGUNDO SEMESTRE

Geralmente, o Prof. Anderson Ferrari, recomenda que o estágio se mantenha com o mesmo prof. supervisor do primeiro, no entanto, devido à minha grade, precisei mudar. Escolhi o prof. Y e a turma 2 B, do Ensino Médio.

Era uma turma formada em sua grande maioria por alunos negros. De modo geral era bem comunicativa, mas não chegava ao ponto da indisciplina. Mostravam respeito pelo prof. de História, o que favorecia o ensino e o aprendizado.

Em meio à conturbada conjuntura nacional, houve ocupações de escolas públicas em diversos estados do Brasil. Os alunos do ensino médio do C. A. João XXIII aderiram ao movimento e a dinâmica do estágio mudou assim como a da escola.

Fui poucas vezes ao prédio ocupado, mas todas as vezes vi uma capacidade de organização muito grande. Desde a limpeza e as tarefas, até às aulas. Como os alunos as organizasse, foi possível ver a escola que eles queriam sendo posta em prática. De fato, não havia divisão de séries e disciplinas, por exemplo. Havia temas.

Escolhi o tema "A objetificação do corpo negro". Mais tarde, me juntei a uma colega que escolhera falar sobre a relação entre quilombo e racismo. Redesenhamos nossas aulas, transformando-as em uma. Os alunos se interessaram e marcaram a roda de conversa.

Tive poucas experiências em sala de aula. Além desse estágio, já lecionei na rede pública estadual por alguns dias. No entanto, essa prova-aula foi certamente uma experiência ímpar. Nunca vi alunos tão interessados e dispostos ao debate maduro. Pela primeira vez, além de ensinar, aprendi.

Aprendi sobre o conteúdo que eu ensinava, mas também aprendi sobre Educação. Temos vários autores que dissertam muito bem sobre como deveria ser o sistema de ensino. Há algumas aplicações aqui e acolá, mas vivenciar aquela experiência minimamente hierárquica e demais eficiente foi excelente.

Na administração de empresas, há um princípio de ouvir o cliente a fim de atendê-lo da melhor forma possível. Aplicar esse princípio à educação, talvez tornasse-a mais eficiente. O nosso sistema, falido já há um bom tempo, carece estrutura e bons salários para os professores sim, mas carece também que os alunos sejam ouvidos. Afinal, a educação é para eles, mas foi enquadrada em um sistema criado por pessoas desconhecidas, de uma época que de tão antiga, está presente em bens materiais e algumas ideias, mas praticamente não está na lembrança de mais ninguém. Quantos nascidos no século XIX ainda estão vivos para lembrar?

O sistema de educação é uma das poucas coisas antiquadas nas quais ainda insistimos. Um dos motivos da luta desses estudantes que ocuparam as escolas, foi justamente a Reforma do Ensino Médio, que incorreu outra vez no erro de não ouvir os alunos. No entanto, esses adolescentes demonstraram não só capacidade de se organizar politicamente, mas também de fazer algo que em um século não conseguimos fazer, formular e pôr em prática um novo sistema de ensino, no qual todos possam ouvir e ser ouvidos.

